

PREVENÇÃO E CUIDADO: ENFERMAGEM NO CÂNCER DO COLO DE ÚTERO

Aline Braga Pereira Alves¹, Joslaine Knaack Soares¹, Tatiana Ferreira Santos Gonçalves¹, Fabio Mattos²

¹*Acadêmicas do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Multivix Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.*

²*Mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor no colegiado de enfermagem no Faculdade Multivix Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.*

RESUMO

Estudos recentes destacam que o câncer de colo de útero (CCU) é uma das principais causas de morte entre as mulheres. O diagnóstico precoce é crucial, mas muitas delas evitam exames preventivos devido à falta de conhecimento, vergonha ou preconceito, descobrindo o problema em fases mais graves. O profissional de enfermagem é essencial no cuidado a essas mulheres e pesquisas nessa área são essenciais para melhorar a assistência prestada antes, durante e após o diagnóstico oncológico. O trabalho se caracteriza como uma revisão sistemática com o objetivo de analisar estudos científicos relacionados à assistência de enfermagem, abrangendo a prevenção e tratamento desse câncer. Nota-se que o profissional de enfermagem tem papel de importância em todo o processo de cuidado à paciente desde realizar consultas e exames para detecção do câncer, interpretar resultados, até realizar educação em saúde e busca ativa na população. Em casos de pacientes portadoras de CCU o enfermeiro pode auxiliar na melhora mental, nutricional, prestar cuidados abrangentes, organizados e integrais, usando de suas ferramentas de trabalho, como a Sistematização da Assistência de Enfermagem, ofertando um trabalho focado na paciente com diagnósticos fundamentados na identificação dos problemas, dando base para que as intervenções sejam feitas e os resultados esperados sejam avaliados. Percebe-se que a assistência de enfermagem pode melhorar significativamente a qualidade de vida das pacientes e a atualização das práticas, junto com a pesquisa contínua são essenciais para garantir o melhor atendimento possível contribuindo para reduzir a incidência e a mortalidade pelo câncer.

Palavras-Chave: Câncer de Colo de Útero, Enfermagem, Diagnóstico Precoce

1. INTRODUÇÃO

De acordo com as pesquisas mais recentes sobre estatísticas de saúde, o câncer tem emergido como uma das principais causas de mortalidade, especialmente entre a população idosa. Tanto a incidência quanto a taxa de mortalidade têm experimentado um rápido aumento, exercendo um impacto significativo na expectativa de vida global (SUNG et al., 2021).

O aumento do câncer na população feminina é resultado de mudanças demográficas e epidemiológicas. Fatores incluem o envelhecimento da população, estilos de vida pouco saudáveis, fatores hormonais, exposição a carcinógenos ambientais, melhores métodos de detecção, mudanças nas taxas de fertilidade e fatores genéticos. A prevenção envolve promoção de hábitos saudáveis, rastreamento regular e conscientização sobre fatores de risco, além de acesso a cuidados de saúde adequados e vacinação contra cânceres específicos (ROCHA, 2020).

As estimativas indicam que, no período compreendido entre 2023 e 2025, o Brasil enfrentará aproximadamente 704 mil novos casos de câncer, com a maioria destes relacionados ao câncer de pele não melanoma. No entanto, entre as mulheres, uma das formas mais frequentes dessa doença é o câncer do colo do útero (INCA, 2022).

Embora esse tipo de câncer seja principalmente desencadeado pela infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV), ele é uma condição multifatorial, resultante de uma interação complexa de fatores genéticos e agentes externos. Entre esses fatores externos, incluem-se aspectos socioeconômicos, estilo de vida, influências ambientais e o processo de envelhecimento (FREITAS et al., 2019).

O câncer de colo de útero (CCU) acomete cerca de 6 mil mulheres a cada ano, e em 2020, a taxa de mortalidade foi de 46 óbitos para cada 100 mil mulheres, sendo mais elevada na região Norte do país. Alarmantemente, a cada 100 mil brasileiras, 49 são diagnosticadas com essa forma de câncer, e uma das principais razões para essas elevadas taxas está relacionada ao diagnóstico tardio (INCA, 2022). Estima-se que cerca de 80% da população feminina considerada sexualmente ativa irá contrair a infecção por HPV, o que contribui para o desenvolvimento do câncer (INCA, 2023).

O CCU tem seu início marcado por alterações anormais nas células superficiais do colo uterino. Para um prognóstico favorável, é de extrema importância que o diagnóstico seja realizado de forma precoce, já que a detecção tardia pode comprometer seriamente a eficácia do tratamento. Infelizmente, muitas mulheres, especialmente aquelas que se encontram na faixa etária de 25 a 64 anos, o grupo-alvo para o rastreamento, acabam evitando o exame preventivo por diversos motivos, tais como a falta de conhecimento sobre a importância do exame, sentimentos de constrangimento, preconceitos arraigados ou influências culturais que desencorajam a busca por cuidados médicos (VIEIRA et al., 2022).

A relutância em buscar exames preventivos representa um desafio de magnitude considerável na prevenção do CCU. Nesse contexto, torna-se imperativo que os profissionais de enfermagem estejam profundamente sensibilizados para enfrentar essas barreiras, investindo esforços substanciais na educação e orientação das mulheres sobre a vital importância da detecção precoce da doença. Além disso, eles desempenham um papel de extrema relevância na criação de ambientes de cuidado que estejam sintonizados com as necessidades das pacientes, com o objetivo de minimizar o constrangimento e os preconceitos associados ao exame (CARNEIRO et al., 2019).

Dessa maneira, a compreensão do papel desempenhado pelos enfermeiros ao longo de todas as fases do câncer, desde a prevenção até os cuidados paliativos, torna-se ainda mais crucial, pois essa assistência transcende o âmbito puramente clínico, englobando também as intrincadas dimensões sociais e emocionais que podem influenciar o acesso aos serviços de saúde e a resiliência no enfrentamento da doença (ROCHA et al., 2020).

Os profissionais de enfermagem, munidos do embasamento teórico e prático adquirido durante e após sua formação, bem como enriquecidos por sua experiência profissional, desempenham um papel fundamental na abordagem dessa questão complexa. É imprescindível que compreendam as nuances históricas e culturais para acolher essas pacientes, dissipar mitos e promover o diagnóstico e tratamento precoces (VIEIRA et al., 2022). A atuação desses profissionais é essencial para garantir às mulheres uma elevada qualidade de vida, abrangendo desde a promoção da educação em saúde até a prestação de cuidados paliativos, tanto na atenção básica quanto na especializada (FREITAS et al., 2021)."

Nesse contexto, a presente pesquisa concentra-se na análise abrangente da atuação do enfermeiro ao longo de todo o processo de assistência às pacientes com câncer de colo de útero, abrangendo desde a prevenção, o diagnóstico e o tratamento. Essa pesquisa se revela relevante, pois proporciona subsídios para esclarecer dúvidas, identificar lacunas na assistência prestada pela equipe de enfermagem e oferecer oportunidades de aprimorar esse acompanhamento, sempre com o objetivo primordial de melhorar a qualidade de vida das pacientes.

Portanto, o objetivo central deste estudo é compreender de que maneira a assistência de enfermagem pode desempenhar um papel fundamental em todas as fases do tratamento do câncer de colo de útero, desde a prevenção até os cuidados paliativos para as pacientes acometidas por essa condição.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. CÂNCER DE COLO DE ÚTERO: FISIOPATOLOGIA E EPIDEMIOLOGIA

O câncer do colo do útero é uma patologia que possui sua história natural conhecida, com evolução lenta e com alta capacidade de ser rastreado, detectado de maneira precoce e tratado, com prognóstico favorável, tendo um potencial elevado de salvar a vida das pacientes, assim como de reduzir os custos e sobrecarga nos sistemas de saúde (FERREIRA et al., 2022).

Embora possa ser evitado, o CCU continua sendo um grave problema de saúde em países de baixa e média renda. Devido à grande variação nas taxas de mortalidade em todo o mundo, ele tem sido o principal câncer associado à morte em mulheres em 36 países. Nas últimas décadas, a mortalidade e a morbidade diminuíram significativamente em países que implementaram programas de rastreamento citológico baseado em Papanicolau vaginal, e melhores resultados foram encontrados em países com rastreamento organizado (LUIZAGA et al., 2023).

Os primeiros esforços para detectar precocemente o CCU no país, isolados em um grupo restrito, começaram no fim dos anos 80 e apenas oito anos depois, em 1988, quando o Ministério da Saúde desenvolveu um programa de combate a esse câncer, que as práticas nacionais de detecção foram estruturadas de forma oportuna. As diretrizes nacionais atuais

recomendam que o exame preventivo deve ser realizado por mulheres com idade entre 25 e 64 anos, e para monitorar tanto o rastreamento, quanto a confirmação do diagnóstico, no SUS, o Ministério da Saúde implementou sistemas de informações, como o SISCOLO e o SISCAN (MEDRADO; LOPES, 2023).

O cenário brasileiro atual mostra-se compatível e correlacionado inversamente entre a incidência do CCU e o nível de desenvolvimento social e econômico. Em relação as taxas de mortalidade, as regiões Norte e Nordeste apresentaram as maiores, pois observa-se, nesses estados, uma população com baixo nível socioeconômico e menor acesso aos serviços de saúde. Ademais, com exceção das áreas interioranas do Norte do país, onde registraram-se taxas três vezes mais altas que o Sudeste em 2017, houve uma tendência de queda ao longo dos últimos 40 anos, indicando extrema desigualdade no risco de adoecer e morrer pela patologia (FERREIRA et al., 2022).

Apesar dos gráficos apontarem curvas descendentes na mortalidade, provavelmente relacionadas a equidade oferecida pelo SUS, em 1990, e ao rastreamento oportuno, iniciado em 1998, quando comparado a outros países da América Latina, como o Chile, a velocidade da redução da mortalidade no país é menor (NETO et al., 2023).

Com a pandemia do novo coronavírus, o número de mamografias, exames de Papanicolau e dosagens de PSA reduziram, quando comparados ao período pré-pandemia, principalmente nos primeiros meses, influenciando na detecção precoce da doença, impactando no prognóstico, morbimortalidade e nos gastos públicos com o tratamento (OLIVEIRA et al., 2022).

Referente aos fatores que levam ao desenvolvimento do CCU, a maioria surge a partir de células do epitélio e são causados por subtipos oncogênicos de HPV, o qual é o agente causador da neoplasia cervical e tem tropismo, na zona de transformação, por células escamosas imaturas. As infecções por HPV, em sua maioria, são passageiras e eliminadas pela resposta imune do hospedeiro em poucos meses. No entanto, persiste um subconjunto de infecções, algumas das quais levam a lesões intraepiteliais escamosas (SILs), as lesões precursoras das quais se desenvolvem grande parte dos cânceres cervicais invasivos (KUMAR, 2021).

Frequentemente, nos casos de câncer de colo de útero e de neoplasias intraepiteliais cervicais, conhecidos como NIC, é possível realizar a detecção molecular do HPV. Assim, fatores de risco importantes para o desenvolvimento da neoplasia e do carcinoma invasivo estão estritamente relacionados à exposição ao HPV, incluindo: a realização da primeira relação sexual com idade precoce, ter múltiplos parceiros sexuais ou o cônjuge ter tido múltiplos parceiros sexuais anteriormente e uma persistente infecção por papilomavírus de alto risco (FREITAS et al., 2023).

Como a maioria dos outros vírus de DNA, o HPV usa a DNA polimerase da célula hospedeira para replicar seu genoma e produzir partículas virais, as quais são liberadas nas superfícies mucosas escamosas, mas em condições normais, a maturação das células escamosas é

acompanhada por uma parada na replicação do DNA, impedindo a produção do vírus. O HPV "resolve" esse problema por meio da ação de duas oncoproteínas virais, E6 e E7, as quais inibem dois potentes supressores tumorais, chamados de p53 e RB, respectivamente, que agem impedindo a divisão de células escamosas conforme elas amadurecem. Assim, essas oncoproteínas desempenham um papel central no ciclo de vida do HPV e explicam amplamente a patogênese do HPV no colo do útero e outros locais susceptíveis ao HPV, como vulva feminina e orofaringe (KUMAR, 2021).

2.2. CÂNCER DE COLO DE ÚTERO: RASTREAMENTO

Com início no fim dos anos 90, rastrear o câncer cervical se tornou de suprema importância para detectar o CCU de forma precoce, tendo como base o exame de Papanicolau. Atualmente, as diretrizes clínicas mantêm a recomendação de triagem trienal para a população feminina de 25 a 64 anos. Embora a cobertura autorreferida por mulheres nos censos sugira que cerca de 80% tenham realizado o exame, o país ainda não alcançou o impacto observado em outros países latino-americanos, como o Chile, nos últimos três anos, devido as desigualdades significativas em acesso. A população que possui maior oportunidade de realizar o exame é de mulheres brancas, que afirmam ter 11 anos ou mais de estudo, no entanto, entre as mulheres que possuem plano de saúde privado, a chance é três vezes maior (SILVA et al., 2022).

Para que a ocorrência de CCU reduza, o rastreamento precisa alcançar alta cobertura na população-alvo, ademais é preciso garantir que todas as mulheres suspeitas sejam acompanhadas e tratadas de forma adequada. Em 2015, de acordo com dados registrados do SUS, estimou-se que a cobertura de Papanicolau era de 50% na população-alvo, havendo também graves deficiências nos procedimentos para tratar as lesões antecessoras em âmbito ambulatorial e hospitalar (MAFFINI et al., 2022). Outro ponto que tem acontecido com grande incidência é a ocorrência de falsos negativos e exames citopatológicos insatisfatórios, porém isso tem estimulado a produção de novas técnicas que visam aperfeiçoar a qualidade e, de modo consequente, a sensibilidade do exame. Um exemplo disso é a citologia líquida, um procedimento alternativo ao exame padrão, em que são coletadas as células do colo e transferidas para frascos no próprio pincel coletor, contendo um líquido utilizado como fixador, em vez de inseridas na lâminas de vidro, como resultado tem-se um esfregaço de células em monocamada alinhadas de forma uniforme. Essa técnica mostra vantagens tanto logísticas, quanto operacionais, como uma interpretação mais veloz e uma diminuição nos exames insatisfatórios, aperfeiçoando os resultados dos testes. Além disso, ele fornece a chance de realizar um teste adicional para a detectar o DNA-HPV no fluido restante. (SILVA et al., 2022). A automação é outra tecnologia de citologia criada para que o funcionamento citológico seja aperfeiçoado, nele inclui-se a leitura automática de lâminas, o reconhecimento de campos

anormais através da análise dos núcleos, além da dimensão e formato das células; a exibição de imagens na tela para casos avaliados manualmente e isolados para direcional microscopia. As vantagens que ela possui são: a alta produtividade, a diminuição do envolvimento de profissionais que possuam especialização e a oportunidade de utilizar a telepatologia. No entanto, as evidências disponibilizadas, através de ensaios clínicos atualizados e randomizados, apontam para a falta de distinção nas taxas de incidência e de mortalidade do câncer cervical no rastreamento com citologia automatizada ou com citologia convencional, mesmo quando a citologia automatizada detecta uma neoplasia intraepitelial cervical (NIC) com uma classe de sensibilidade II (MAFFINI et al., 2022; INCA, 2021). Além das técnicas citadas, através da evidência de que os subtipos oncogênicos do HPV são precisos para desenvolver o câncer cervical e seus antecessores, tornou-se possível criar outras técnicas para detectar o DNA do HPV. Testes moleculares têm sido investigados como métodos de triagem e têm se revelado de pouca especificidade, porém mais sensíveis do que os testes citopatológicos, resultando na submissão de mais pacientes à colposcopia. No entanto, algumas evidências apontam que essa restrição pode ter sido contornada ao priorizar pacientes que possuam idade superior a 35 anos. (FERREIRA et al., 2022)

Uma alternativa existente é o aproveitamento da triagem da citologia dos resultados positivos para DNA-HPV oncogênico, evitando assim que mulheres sejam direcionadas para colposcopia de forma desnecessária e apenas pacientes com casos positivos e alterações reveladas pelo exame citopatológico. Quando comparado com a citologia padrão, a técnica apresenta a mesma especificidade, porém maior sensibilidade. Outrossim, o uso do teste traz a alternativa da realização da auto coleta, facilitando a acessibilidade de mulheres que resistem à coleta realizada por profissionais especializados ou que possuam dificuldades geográficas (RIBEIRO et al., 2019).

No entanto, esse teste rápido para detectar o DNA-HPV oncogênico, ainda está em fase iniciais, estando, até então, indisponível comercialmente, podendo se tornar uma opção relevante por apresentar baixa densidade tecnológica e ser utilizado por profissionais generalistas, após passarem por um treinamento básico. A inserção do teste seria de suma importância, principalmente, em regiões mais distantes, que possuem dificuldade em acessar de forma regular à assistência das equipes de Saúde da Família (FERREIRA et al., 2022; RIBEIRO et al., 2019).

2.3. CÂNCER DE COLO DE ÚTERO: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

Em relação a assistência de enfermagem, cabe ao profissional, principalmente pela proximidade que possui com a população, realizar ações de educação em saúde, incentivando a realização de consultas, esclarecendo dúvidas, explicando os riscos, sinais e sintomas, para

que as mulheres da comunidade mudem comportamentos e atitudes (CARNEIRO et al., 2019). É preciso também destacar que é de suma importância a realização do realizar o exame Papanicolau com periodicidade e quais os riscos possíveis para a não realização, esclarecendo como é feito o exame, estimulando vínculo entre o profissional e a paciente eliminando preconceitos sobre o assunto e assegurando um local adequado e de confiança para que a mulher se sinta confortável de expressar suas preocupações e dúvidas (MACIEL et al., 2020). Além da educação em saúde, ainda dentro da prevenção primária, o enfermeiro deve estimular e aplicar a vacinação da HPV para que a população se previna contra essa infecção. A eficácia da vacina é de 91,6% em casos de incidência e nos casos de persistência, de até 100%, devido isso a vacinação recebe grande destaque como fonte de prevenção, trazendo benefícios não só para as pacientes, mas para os sistemas de saúde, como a diminuição de gastos financeiros e humanos para que o câncer seja tratado (AOYAMA et al., 2018).

Já em relação a prevenção secundária, o principal método é o rastreamento através do exame de citopatologia oncológica, também conhecido como Papanicolau, onde se detecta o câncer de colo de útero in situ ou lesões antecessoras, as quais detectadas de forma precoce podem ser tratadas e curadas na grande maioria dos casos, por isso é recomendado que mulheres sexualmente ativas façam o exame anualmente, tendo dois resultados negativos seguidos pode realizar a cada três anos. Existem outros meios de rastreamento, porém o Papanicolau apresenta maior efetividade, é indolor e de baixo custo (SANTOS; LIMA, 2016; CARNEIRO et al., 2019).

De acordo com a Lei do Exercício Profissional 7.498, de 1986, o enfermeiro possui habilitação para executar a coleta do exame, interpretar os resultados, encaminhar quando preciso e realizar o monitoramento de casos suspeitos e confirmados de câncer do colo de útero (ROCHA et al., 2020).

Outro ponto importante sobre a atuação do enfermeiro é que, além da realização do exame preventivo, o profissional é responsável por preencher a documentação necessária, assim como anotar o prontuário, o qual serve para que possa ser realizada uma monitoração contínua da paciente nas consultas seguintes e contribuindo para o abastecimento dos sistemas de informações, como o SICOLO (TSUCHIYA et al., 2017). Ademais, o enfermeiro deve realizar constantemente uma busca ativa das pacientes para que os exames sejam entregues. Pesquisas mostram que menos da metade das mulheres voltam as consultas para recolher o resultado e desses exames, 94,8% possuem alguma alteração ginecológica (CARNEIRO et al., 2017).

Em casos em que se há a confirmação do diagnóstico de CCU, mudanças ocorreram na vida da paciente, a fazendo seguir um caminho totalmente diferente do idealizado, principalmente pelas reações provocadas pelo tratamento, como náuseas, queda de cabelo, disfunções sexuais, entre outros (MACIEL et al., 2020). Esse tratamento dependerá do estágio do Tumor, Linfonodos e Metástase (TNM) e da Federation of Gynecology and Obstetrics (FIGO), baseando-se no exame

histológico realizado, na idade da paciente, nas condições clínicas que foram apresentadas e se a mulher possui desejo de reproduzir (RIBEIRO et al., 2019).

Dado início ao tratamento, preocupações surgem em relação a recuperação, situações de medo, ansiedade, distúrbios relacionados a autoimagem, dores, eminência de morte, acontecem trazendo à paciente a necessidade de suporte psicológico e emocional. A equipe de enfermagem também pode atuar nesse sentido contribuindo para que a paciente tenha uma melhora mental em todo o período de consultas e tratamento (SANTOS; LIMA, 2016).

Outro efeito que impacta a paciente portadora de CCU é seu estado nutricional, relacionado, geralmente, a elevadas taxas de infecções, aumento do período de internação, interferência da resposta ao tratamento e elevação dos gastos hospitalares, sendo necessário acompanhamento e avaliação constante. É indispensável que o enfermeiro oriente a mulher, cônjuge e familiares sobre o tratamento, conheça a história dela, ouça seus sentimentos, questionamentos e ensine a enfrentar as alterações passíveis de ocorrer, prezando pelo diálogo constante e enfatizando a necessidade do apoio familiar (FERREIRA et al., 2022).

Ademais, é relevante o profissional de enfermagem considerar e utilizar das crenças da paciente para oferecer o cuidado, aliando-as ao bem-estar da paciente (SANTOS; LIMA, 2016). Para garantir uma assistência de qualidade à mulher com câncer de colo de útero, o enfermeiro deve prestar cuidados abrangentes, organizados e integrais, usando de suas ferramentas de trabalho, como a Sistematização da Assistência de Enfermagem, ofertando um trabalho focado na paciente com diagnósticos fundamentados na identificação dos problemas, dando base para que as intervenções sejam feitas e os resultados esperados sejam avaliados (CARNEIRO et al., 2017).

3. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura de caráter sistemático. Esta pesquisa é natureza básica, do tipo descritiva, exploratória e com uma abordagem qualitativa. A revisão sistemática é um método de pesquisa científica que envolve a análise de textos científicos em bases de dados bibliográficos. Esse método tem como principal objetivo promover a transparência, rigor metodológico e imparcialidade por parte do autor da revisão ao abordar um determinado assunto. Para alcançar esse propósito, são empregadas estratégias que visam reduzir distorções em áreas que tradicionalmente podem ser suscetíveis a vieses em revisões (PEREIRA, 2011).

As bases de dados utilizadas para desenvolvimento da pesquisa foram a Scientific Electronic Library Online (SciELO), a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (Lilacs) e o Medline utilizando os Descritores em Ciências de Saúde: “câncer de colo de útero”, “enfermagem” e “assistência”. Foram utilizados, preferencialmente, textos publicados nos

últimos 5 anos, ou seja, de 2018 a 2023, e que estejam disponíveis em português e de forma gratuita. Publicações repetidas, incompletas ou que fogem dos objetivos do trabalho foram excluídos.

Depois de realizar a busca cruzando os descritores em cada uma das bases de dados, identificou-se um total de 527 artigos, distribuídos da seguinte forma: 7 na SciELO, 122 na Lilacs e 398 na Medline. Após aplicou-se os critérios de inclusão, chegando a um conjunto de 25 trabalhos. Em seguida, exclui-se os artigos que eram repetidos, incompletos ou que não se relacionavam com o tópico em questão, resultando, por fim, em uma seleção de 09 artigos, os quais foram examinados e organizados em tabelas usando o programa Microsoft Excel, onde foram registrados o ano de publicação, título, autores e resumo de cada um.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 1. Descrição dos artigos encontrados, segundo base de dados.

AN O	TÍTULO	AUTORES	RESUMO
01 2021	Atuação do enfermeiro na prevenção do câncer de colo de útero em unidades de saúde.	Ernandes Gonçalves Dias, Beatriz Celestino de Carvalho, Naiara Silva Alves, Maiza Barbosa Caldeira, Jeisabelly Adrienne Lima Teixeira	Investigar a atuação do enfermeiro na prevenção do câncer de útero nas Unidades de Saúde da Atenção Básica de municípios de Espinosa, Minas Gerais.
02 2022	Adenocarcinoma Cervical e Abandono Terapêutico: a Ótica dos Enfermeiros em uma Cidade do Extremo Norte brasileiro.	José Moreira Stanley Lima, Luzilena de Souza Prudêncio, Nádia Cecília Barros Tostes, Nely Dayse Santos da Mata.	Descrever, na perspectiva do enfermeiro, as causas de abandono das usuárias em tratamento do adenocarcinoma cervical e analisar as propostas para diminuir esse abandono.
03 2022	Atuação do Enfermeiro na Detecção do Câncer de Colo Uterino: Revisão Integrativa.	Elidiane Andrade Vieira, Morgana do Nascimento Menezes, Luana Mara Vasconcelos Ferreira, Tamiris Dantas do Nascimento, Vanessa da frota Santos, Edglesy	Identificar a atuação do enfermeiro na detecção precoce do câncer de colo uterino.

Carneiro Aguiar.				
04	2021	Objetivo Virtual de aprendizagem sobre rastreamento do Câncer do colo do útero.	Marcelo de Souza Dutra Davilla, Cândida Caniçali Primo, Marcia Valeria de Souza almeida, Franciele Marabotti Costa Leite, Hugo Cristo Santanna, Rodrigo Jensen, Eliane de Fatima Almeida Lima.	Descrever o desenvolvimento e avaliação do conteúdo de um objetivo virtual de aprendizagem sobre prevenção e rastreamento do câncer do coo do útero.
05	2021	Conhecimento e prática de mulheres atendidas na atenção primaria a saúde sobre o exame Papanicolau.	Leticia de Almeida da Silva, Ananda Santos Freitas, Bruna Carolynne Tôrres Muller, Magnolia de Jesus Sousa Magalhães.	Avaliar o conhecimento e a prática de mulheres atendidas em unidades básicas de saúde em relação ao exame Papanicolau.
06	2019	Insegurança nas ações de controle do câncer de colo uterino: atuação do enfermeiro na estratégia de saúde da família.	Camila Beatriz Alves da Rocha, Jakeline Weiget da Cruz, Jânia Cristina de Souza Oliveira.	Analisar as ações de controle do câncer de colo uterino (CCU) desenvolvidas pelos enfermeiros da estratégia de saúde família (ESF) em um município da região sul de Mato Grosso.
07	2019	Atuação do enfermeiro na atenção primária a saúde na temática do câncer: do real ao ideal	Iara Sescon Nogueira, Giselle Fernanda Previato, Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera, Marcelle Paiano, Maria Aparecida Salci	Identificar a literatura brasileira a atuação do profissional enfermeiro na atenção primária a saúde na temática do câncer
08	2019	Avaliação do Seguimento Clínico de Citopatologia Oncótica em mulheres na Atenção Primária à Saúde	Claudia Janiele Batista Fonseca, Tainara Lôrena dos Santos Ferreira, Daisy Vieira Araújo, Káthia Daniella Figueredo Melo, Fábila Barbosa de Andrade	Este estudo avaliou o seguimento clínico e terapêutica da Citopatologia Oncótica em mulheres na Atenção Primaria a saúde (APS).
09	2018	Acolhimento na consulta ginecológica de enfermagem da Estratégia Saúde da Família.	Maria Gleiciane Lima Rocha, Andrea Gomes Linard, Lydia Vieira Freitas dos Santos, Leilane Barbosa de Sousa.	Descrever a percepção de mulheres atendidas na estratégia saúde da família acerca do acolhimento nas consultas

O estudo de Lima et al. (2022) realizado com enfermeiros em Macapá-AM identificou três principais causas de abandono no tratamento do adenocarcinoma cervical, conforme a perspectiva dos enfermeiros. A primeira causa destacada foi a deficiência na organização e funcionamento do sistema de saúde, caracterizada por atrasos no tratamento devido à escassez de medicações e insumos. A segunda causa ressaltada foi a ausência da família no apoio às mulheres durante o tratamento e diagnóstico, um fator crucial que influencia a adesão ou não ao tratamento. Por fim, a terceira causa mencionada foi a falta de conhecimento das mulheres sobre a patologia, levando à falta de compreensão da doença, do tratamento e das oportunidades de controle, o que propicia o abandono.

Além disso, Silva et al. (2021), em seu estudo sobre o conhecimento e prática das mulheres atendidas na atenção primária à saúde em relação ao exame de Papanicolau, também destacou a falta de conhecimento adequado sobre o exame e sua importância, resultando na atribuição equivocada de sua finalidade. Isso, por sua vez, leva à falta de interesse e descuido na prevenção do câncer cervical.

A atuação dos enfermeiros desempenha um papel fundamental na detecção precoce do câncer cervical. Para esse fim, suas responsabilidades incluem controlar os fatores de risco da infecção, aumentar o número de mulheres que fazem regularmente o exame de Papanicolau, garantir o acompanhamento de mulheres com resultados normais e providenciar ação imediata e tratamento adequado para aquelas com resultados anormais (VIEIRA et al., 2022).

No âmbito da educação em saúde, os enfermeiros devem aproveitar sua proximidade com a população para incentivar a adesão das mulheres às consultas de enfermagem. Através dessas consultas, eles podem esclarecer dúvidas e promover mudanças comportamentais nas pacientes, criando espaços para informações, reflexões sobre o corpo, sexualidade e autocuidado (ROCHA et al., 2019). Dentre outras ações relevantes, destaca-se a prevenção de fatores de risco, bem como a orientação e

esclarecimento de mitos e tabus comuns entre a população feminina. Além disso, incentivar o uso de preservativos nas relações sexuais e a vacinação contra o HPV são medidas cruciais para a diminuição do câncer do colo do útero (DIAS et al., 2021).

A consulta ginecológica com realização do exame citopatológico é uma das funções mais importantes do enfermeiro na prevenção do câncer cervical. Não se trata apenas de coletar o material para os exames, mas também de interpretar os resultados, buscar ativamente mulheres com resultados anormais, encaminhá-las adequadamente e monitorar casos suspeitos ou confirmados de câncer cervical (VIEIRA et al., 2022).

A qualidade das amostras coletadas está diretamente relacionada ao desempenho dos profissionais na técnica de coleta, desde a coleta até a emissão do laudo no laboratório de análise. A capacitação e atualização dessa técnica são essenciais para corrigir falhas e aumentar o número de amostras satisfatórias, possibilitando a detecção precoce de lesões pré-malignas, o que impacta positivamente nos programas de rastreamento do câncer cervical (DAVILA et al., 2021).

Nogueira et al. (2019) destacam que, embora a Atenção Primária à Saúde (APS) seja a porta de entrada e reguladora do fluxo de atenção, após o encaminhamento para níveis especializados, a continuidade do cuidado é perdida. A contrarreferência é um desafio, e enfermeiros desempenham um papel crucial para conectar o que é preconizado pelo Ministério da Saúde com as necessidades da população, reduzindo a mortalidade por câncer e evitando sobrecargas nos níveis secundários e terciários de atendimento. Em relação às condutas dos profissionais de saúde diante dos resultados dos exames preventivos, Fonsêca et al. (2019) observaram que a maioria das mulheres recebe orientações em saúde. Aquelas com resultados positivos para HPV e Neoplasia Intraepitelial Cervical Grau I (NIC I) são encaminhadas para médicos, sejam especialistas ou médicos de unidades básicas de saúde. É crucial que os profissionais utilizem o diálogo como ferramenta de cuidado e prevenção durante a coleta citopatológica, além de fornecerem feedback sobre os resultados para esclarecer dúvidas e proporcionar um acolhimento mais eficaz.

Por último, Rocha et al. (2018) enfatizam que as ações dos profissionais de saúde durante os atendimentos podem estimular a adesão das mulheres aos serviços de saúde. A integralidade do cuidado é alcançada com atitudes de respeito e solidariedade, criando vínculos e confiança. A prevenção do câncer cervical exige ações multidisciplinares, incluindo a escuta qualificada das queixas das usuárias, educação em saúde, promoção do vínculo e assistência integral, bem como o trabalho

interdisciplinar com Agentes Comunitários de Saúde para uma busca ativa e uma maior cobertura de rastreamento. Os profissionais de saúde devem desenvolver habilidades humanísticas, como empatia, subjetividade e disponibilidade, para estabelecer relações de confiança com as mulheres.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto de estudos e reflexões apresentados, fica evidente a importância crucial da atuação dos enfermeiros na prevenção do câncer cervical (CCU) e na promoção da saúde das mulheres. Foram identificadas barreiras como a falta de conhecimento, deficiências no sistema de saúde e a ausência de apoio familiar que podem levar ao abandono do tratamento, destacando a necessidade de ações educativas e de conscientização para a importância do exame de Papanicolau.

Os enfermeiros desempenham um papel central na promoção da saúde, não apenas na coleta de exames, mas também na interpretação dos resultados e no acompanhamento de pacientes com resultados anormais. Além disso, a educação em saúde é um instrumento poderoso para incentivar a adesão das mulheres às consultas de enfermagem e desmistificar mitos e tabus associados ao CCU.

A necessidade de uma abordagem multidisciplinar é enfatizada nos estudos, onde a prevenção do câncer cervical envolve não apenas a coleta de exames, mas também a promoção do uso de preservativos, a vacinação contra o HPV e a busca ativa de mulheres com alterações nos exames. Além disso, a continuidade do cuidado é um desafio a ser superado, com enfermeiros atuando como elos cruciais entre os diferentes níveis de atendimento.

Em suma, os estudos e reflexões apresentados revelam que a prevenção do câncer cervical é uma tarefa complexa que requer esforços coordenados de profissionais de saúde, com destaque para os enfermeiros. A educação em saúde, a promoção do conhecimento, a garantia de continuidade no cuidado e o incentivo à adesão são pilares fundamentais para a redução do impacto desse câncer nas vidas das mulheres. Portanto, a prática da enfermagem desempenha um papel insubstituível na luta contra o câncer cervical e na promoção da saúde feminina.

6. REFERÊNCIAS

AOYAMA, E. A. et al. Assistência de enfermagem na prevenção do câncer de colo de útero. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 1, pgs. 162-170, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/877/760>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

CARNEIRO, C. P. F. et al. O papel do enfermeiro frente ao câncer de colo uterino. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 35, e1362, 2019. Disponível em:

<<https://doi.org/10.25248/reas.e1362.2019>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

DAVILLA, M. S. D. et al. Objeto virtual de aprendizagem sobre rastreamento do câncer do colo do útero. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, Vitória, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/T4zTpZPfBxbg8DBvsjN5stL/#>>. Acesso em: 11 out. 2023.

DIAS, E. G. et al. Atuação do enfermeiro na prevenção do câncer de colo de útero em Unidades de Saúde. **J. Health Biol. Sci.**, v. 9, n. 1, pgs. 1-6, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1352536>>. Acesso em: 11 out. 2023.

FERREIRA, M. C. M. Detecção precoce e prevenção do câncer do colo de útero: conhecimentos, atitudes e práticas de profissionais da ESF. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.27, n. 6, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/Z3tXcyhpMP6MLcJzTCmq9bn/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

FONSÊCA, C. J. B. et al. Avaliação do Seguimento Clínico de Citopatologia Oncótica em Mulheres na Atenção Primária à Saúde. **Rev. Bras. Ciência e Saúde**, v. 23, n. 2, pgs. 131-140, 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1009550>>. Acesso em: 11 out. 2023.

FREITAS, A. S. et al. Câncer de colo do útero e os cuidados de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21268>>. Acesso em: 04 abr. 2023.

FREITAS, V. C. A. et al. Citopatológico do colo uterino e adequabilidade da amostra: ensaio clínico randomizado controlado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/tPZwjBtcMqDy4KmtQZxjh7y/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

GOMES, M. L. S. Resultados de saúde das mulheres atendidas nas consultas de enfermagem para a prevenção do câncer de colo do útero. INCA (Brasil). Coordenação Geral de Ações Estratégicas. Divisão de Apoio à Rede de Atenção Oncológica. **Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero**. Rio de Janeiro: INCA, 2021. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/rastreamento_cancer_colo_uteropdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

INCA (Brasil). **Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

INCA (Brasil). **Câncer do colo do útero**. Rio de Janeiro: INCA, atualizado em 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/colo-do-uteropdf>>. Acesso

em: 23 mar. 2023.

KUMAR, V. et al. **Robbins patologia básica**. 10. Ed, Editora Guanabara Koogan Ltda, tradução Tatiana Ferreira Robaina, Rio de Janeiro – RJ, 2021.

LIMA, S. J. M. et al. Adenocarcinoma cervical e abandono terapêutico: a ótica dos enfermeiros em uma cidade do extremo norte brasileiro. **Cogitare Enfermagem**, v.27, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cenf/a/9pY4bCcVknJZ5DgMBtMzPSr/#>>. Acesso em: 11 out. 2023.

LOPES, V. A. S.; RIBEIRO, J. M. Fatores limitadores e facilitadores para o controle do câncer de colo de útero: uma revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 9, pgs. 3431-3442, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.32592017>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

LUIZAGA, C. T. M. et al. Mudanças recentes nas tendências da mortalidade por câncer de colo de útero no Sudeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 57, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/6PQcPnwxLtjbrwvCzxFJmMr/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MACIEL, L. M. A. et al. A importância do exame Papanicolau realizado pelo enfermeiro para o diagnóstico do câncer de colo uterino. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, v. 2, n. 2, pgs. 88-92, 2020. Disponível em: <<https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/95>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

MAFFINI C. F. et al. Achados colposcópios e diagnóstico em mulheres brasileiras de baixa renda com resultados de esfregaço ASC-H Papanicolau. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 44, n. 2, feb. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/vYXQKWdDkqHd6TyGmm8YMLm/?lang=en>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MEDRADO, L.; LOPES, R. M. Conexões históricas entre as políticas de rastreamento do câncer de colo do útero e a educação profissional em citopatologia no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 21, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/KL6YKhGyV3Lhrdx7LBS3B7r/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

NETO, C. F. M. A. et al. Análise do perfil epidemiológico dos exames citopatológico do colo do útero em altamira no período de 2014 a 2020: dados a partir do SISCAN. **Arquivo ciências saúde UNIPAR**, v. 27, n. 2, pgs. 813-828, 2023. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1424962>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

NOGUEIRA, I. S. et al. Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde na temática do

câncer: do real ao ideal. **Rev. Pesqui. Cuid. Fundam. (Online)**, v. 11, n. 3, pgs. 725-731, abr-maio, 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-988016>>. Acesso em: 11 out. 2023.

EREIRA, S. V. N. et al. Atribuições do enfermeiro na atenção primária acerca do câncer de colo de útero e mama. **Revista de Enfermagem Atual in Derme**, v. 96, n. 39, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1417481>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

OLIVEIRA, I. G. et al. O impacto da pandemia da COVID-19 nos exames de rastreamento do câncer no Brasil: um estudo comparativo dos cânceres de mama, próstata e colo de útero. **Jornal Brasileiro de Economia da Saúde**, v. 14, n. 3, pgs. 217-223, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1413934>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

RIBEIRO, C. M. Parâmetros para a programação de procedimento da linha de cuidado do câncer do colo do útero no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 6, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/W4F4dCvDMGxYTcBdPhpmxtC/?lang=pt&format=html~6>>. Acesso em: 11 mai. 2023.

ROCHA, C. B. A. et al. Insegurança nas ações de controle do câncer de colo uterino: atuação do enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família. **Revista Pesqui. Cuid. Fundam. (Online)**, v. 11, n.4, pgs. 1072-1080, jul.-set., 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1005585>>. Acesso em: 11 out. 2023.

ROCHA, L. M. G. et al. Acolhimento na consulta ginecológica de enfermagem: percepções de mulheres da Estratégia Saúde da Família. **Revista Rene (Online)**, v. 19, e3341, jan.-dez. 2018. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-910227>>. Acesso em: 11 out. 2023.

ROCHA, M. D. H. A. et al. Prevenção do câncer de colo de útero na consulta de enfermagem: para além do Papanicolau. **Revista Cereus**, v.12, n.1, 2020. Disponível em: <<http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/2089>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

SANTOS, L. M.; LIMA, A. K. B. S. Câncer de colo do útero: papel do enfermeiro na prevenção e detecção precoce dessa neoplasia na atenção básica. **Temas em Saúde**, v. 16, n. 3, pgs. 463-475, 2019. Disponível em: <<http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2016/09/16328.pdf>>. Acesso em: 13 mai., 2023.

SILVA, D. S. Fatores associados ao início do tratamento especializado em tempo inoportuno após diagnóstico do câncer do colo do útero no Estado da Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 5, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/NTWxVd4yPbDj8nPVGbKpdPQ/?lang=pt>>. Acesso em:

11 mai. 2023.

SILVA, G. A. et al. Avaliação das ações de controle do câncer de colo do útero no Brasil e regiões a partir dos dados registrados no Sistema Único de Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 7, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/fj5Q7hxCTBZyDLb68j4nqHR/?lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SILVA, G. A. et al. Mortalidade por câncer nas capitais e no interior do Brasil: uma análise de quatro décadas. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, n. 126, 2020. Disponível: <<https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002255>>. Acesso: 01 abr. 2023.

SILVA, L. A. et al. Conhecimento e prática de mulheres atendidas na atenção primária a saúde sobre o exame Papanicolau. **Revista Pesquisa (Univ. Fed. Estado Rio de Janeiro, Online)**, v. 13, pgs. 1013-1019, jan.-dez., 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1252359>>. Acesso em: 11 out. 2023.

SUNG, H. et al. Global Cancer Statistics 2020: GLOBOCAN Estimates of Incidence and Mortality Worldwide for 36 Cancers in 185 Countries. **CA Cancer J Clin**, v. 71, n. 3, jun. 2021. Disponível em: <<https://acsjournals.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.3322/caac.21660>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TSUCHIYA, C. T. et al. O câncer de colo do útero no Brasil: uma retrospectiva sobre as políticas públicas voltadas à saúde da mulher. **Jornal Brasileiro de Economia e Saúde**, v. 9, n. 1, pgs. 137-147, 2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-833577>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

VIEIRA, E. A. et al. Atuação do enfermeiro na detecção precoce do câncer de colo uterino: revisão integrativa. **Revista Nursing**, v. 24, n. 285, pgs: 7272-7276, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1371986>>. Acesso em: 04 abr. 2023.